

VÉSELA CHÉRGOVA

PARTICULARIDADES DO SISTEMA VERBAL PORTUGUÊS NO INDICATIVO

O sistema do Verbo Português tem uma estrutura muito desenvolvida enquanto número de gramemas e valores categoriais que, por um lado, podem ter expressão morfológica (sintética e/ou analítica) e, por outro, expressão sintáctica e discursiva. A propósito das relações entre forma e conteúdo categorial, J. Tláškal faz a seguinte observação:

“Segundo o princípio do dualismo assimétrico¹, toda a forma linguística tende a representar um número cada vez maior de conteúdos. Por outro lado, todo e qualquer conteúdo tende a ver-se expresso pelo maior número possível de formas diferentes.” (Tláškal, 1984: 237)

A presente comunicação pretende raciocinar sobre as relações modo-temporais do sistema verbal e, mais particularmente, sobre aquelas suas particularidades suscitadas pelo “dualismo assimétrico”.

Em primeiro lugar, cabe salientar que na Linguística Portuguesa o sistema modo-temporal do Português Contemporâneo interpreta-se como integrado por quatro modos: Indicativo, Conjuntivo, Imperativo e Condicional. Assim surgem as perguntas: qual será a relação opositiva que mantém este sistema quaternário? Quais serão os instrumentos formais exclusivos do Imperativo e do Condicional? Como estará distribuída a carga semântica dos valores modo-temporais e pragmáticos entre os gramemas dos citados modos verbais?

Em segundo lugar, certos gramemas indicativos (e conjuntivos, que no entanto não serão alvo de análise neste caso) tendem a exprimir valores marcadamente epistémicos que se afastam da sua semântica invariante. Em que tipos de contexto costuma acontecer esse “afastamento”? Até que ponto é que as relações temporais influenciam o desenvolvimento de valores modais complementares?

A tentativa de resposta patenteia a necessidade de traçar o enquadramento teórico da análise, definindo com a maior nitidez possível o conteúdo e a oposição básica

¹ Tláškal refere o estudo de S. Karcevski, „Du dualisme asymétrique du signe linguistique“, *Cahiers F. de Saussure*, № 14, 1956.

das categorias modais e temporais. Aliás, porque em cada contexto concreto cada forma verbal expressa ao mesmo tempo valores modais e valores temporais (Veiga, 1991: 58).

I. Modalidade e Modo

A distinção entre os conceitos de *modalidade* e *modo* vê-se bem definida na Linguística Portuguesa (Mateus, 1989: 102–106; Vilela, 1999: 172; Oliveira, 2003: 245–258). Ambos os conceitos referem “a atitude do locutor em relação ao estado de coisas expresso pelo enunciado” (Mateus, 1989: 106). O processo linguístico de configurar a realidade extralinguística em enunciados supõe uma representação ontológica e gnosiológica em sentido afirmativo ou negativo, por um lado, mas por outro, comporta também uma valorização subjectiva dos conteúdos enunciados, que constitui mais do que um processo lógico, um processo lógico-psicológico (Georgieva, 1998: 57). Assim cada língua concreta formaliza recursos a diferentes *níveis da sua estruturação* para corresponder às necessidades de apreender e valorizar subjectivamente os estados de coisas (Mateus, 1989: 103–104; Lákova, 2001: 95–96).

A *modalidade* será interpretada como o conjunto estruturado de meios linguísticos e extralinguísticos que realizam o conteúdo universal da “atitude do locutor em relação ao estado de coisas” enunciado (Mateus, 1989: 103–104):

- *modalizadores léxico-classemáticos* (Chérgova, 2007: 135) – lexemas verbais (Neves, 2000: 25–65), semântica modal dos componentes de predicados nominais (Casteleiro, 1981: 155–336), advérbios, locuções adverbiais e estruturas perifrásticas modais (“modalidade lexicalizada” segundo Mateus, 1989: 103);
- *modalizadores morfossintáticos* (Chérgova, *opcit.*: 136) – os gramemas verbais de valor invariante modal;
- *modalizadores proposicionais* (Chérgova, *opcit.*: 138) – indicam o estatuto existencial das frases e dos enunciados (Lákova, 2001: 96), modalizadores “que determinam o valor de verdade das proposições delas dependentes como *necessário*, *contingente*, *possível* ou *impossível*” (Mateus, 1989: 103), como também os seus valores na pragmática².

Concentrar-nos-emos na estrutura e nas capacidades funcionais dos modalizadores morfossintáticos em Português, ou seja, na categoria *Modo*, propriamente dita. Assim a categoria *Modo* será interpretada como o instrumento morfológico que realiza a atitude valorizadora do sujeito falante perante o estado de coisas. A sua estruturação depende dos processos históricos na língua concreta, da dis-

² Os modalizadores proposicionais, além de relacionar o enunciado com os postulados da lógica formal e modal, têm dimensão puramente linguística que transparece na definição do “significado ôntico” oferecida por E. Coseriu (1978: 137; 1987: 178). O autor distingue entre “significado estrutural” (a estrutura morfossintática, sintagmática e categorial da proposição) e “significado ôntico” (a estrutura lógico-semântica do enunciado).

tribuição da carga semântica categorial entre os gramemas categoriais e dos processos de desenvolvimento funcional dos gramemas e conteúdos existentes no acervo categorial do Português.

I.1.

Jespersen (1958: 363) interpreta o Modo como categoria sintáctica (por conseguinte não nocional), posto que é realizada pelos gramemas verbais, tese cuja fundamentação nos parece baseada na sua teoria das “três posições” (“ranks” – 1958: 112) de subordinação sintáctica das partes do discurso. Pottier (1993: 206–207) afirma que a categoria Modo com o seu par opositivo Indicativo/Conjuntivo é um recurso da modalidade epistémica. Na perspectiva de Mel’chuk (1998: 154–155) os gramemas modais representam um índice sintáctico também, cuja estrutura “ideal” ver-se-ia integrada pelos gramemas do Indicativo, Imperativo, Optativo, Conjuntivo, Condicional e Irreal.

Na Linguística Búlgara identifica-se uma “hipercategoria” chamada “*modus verbal*” que engloba duas relações subcategoriais “*modus da acção verbal*” (Modo propriamente dito) e “*modus da enunciação verbal*” (formas de renarração e de valorização subjectiva) (Gerdžikov, 2003: 70–87). O autor estabelece uma relação hierárquica entre os dois *modus*, sendo o “modus da acção verbal” uma categoria básica, enquanto que o “modus da enunciação verbal” é uma categoria complementar, estruturada em função e em dependência da básica. A ideia de uma estrutura complexa da categoria Modo com relações opositivas básicas e complementares no subsistema do Indicativo e no subsistema do Conjuntivo encontra-se em estudos do Verbo Espanhol também (Veiga, 1991; Kítova-Vasileva, 2000).

Na Linguística Portuguesa a categoria Modo abrange diferente número de formas e conteúdos semânticos. Geralmente faz-se uma distinção entre quatro modos verbais – Indicativo, Conjuntivo, Imperativo e Condicional (Cuesta, 1971: 404; Mateus, 1989: 107; Barbosa, 1994: 236–239; Vilela, 1999: 172–176; Oliveira, 2003a: 254–272). Bechara acrescenta o Modo Optativo também (1999: 89–107). Estruturas de função optativa são analisadas igualmente por Campos (1997: 151–158, 173–182; 1998).

I.2.

O chamado Imperativo, como indicam as pesquisas (Oliveira, 2003a: 254–256; Vilela, 1999: 175; Vilela & Koch, 2001: 179–180), dispõe de instrumentos formais “lacunares”, aproveitando os gramemas do Conjuntivo para completar o seu paradigma além dos recursos discursivos, tanto verbais como nominais, que realizam o seu valor sempre “intimamente ligado à situação” (Vilela, 1999: 175) e à entoação característica. Assim, o Imperativo abrange um vasto leque

de recursos expressivos, activados pela situação comunicativa de acordo com a estratégia discursiva do locutor, que têm diferente força ilocutiva (*insinuação, sugestão, incitação, súplica, pedido, insistência, ordem*). Por conseguinte, trata-se de uma categoria de outra ordem, não morfológica, mas discursiva (Vúcheva, 2000: 54). Por outro lado, o seu valor semântico consiste numa relação entre o sujeito locutor e o alocutário, portanto semanticamente difere do conceito básico da modalidade (Pottier, 1975: 59, §207; Kânchev, 2004: 224).

I.3.

O Modo chamado Condicional também não possui gramemas próprios, se não aproveita os indicativos de posterioridade. Os gramemas de futuro (Futuro Simples e Futuro do Passado) são interpretados ora como tempos verbais de valor modal, ora como Modo Condicional (Oliveira, 2003: 158; Oliveira, 2003a: 256–257) ou modo realizado no Futuro do Passado (Vilela & Koch, 2001: 178). Sendo gramemas indicativos, isto é, *não subjectivos*, em determinados contextos exprimem uma valorização subjectiva da acção enunciada. Falta identificar se esta valorização subjectiva constitui um conteúdo categorial equiparado ao Indicativo e ao Conjuntivo ou é um valor subjectivo contextual, portanto, de outra natureza na hierarquia categorial. Este problema não poderá ser resolvido sem ter em conta os conteúdos e valores temporais dos gramemas futúricos. Além disso, um conteúdo categorial não deveria ser interpretado como fenómeno pontual, mas sim como um campo semântico-funcional, sem que as áreas categoriais limítrofes cheguem a abranger todo o valor categorial invariante (unitário). Assim haverá zonas de conteúdo temporal que coincidam com certos valores aspectuais, sem que isto implique uma identidade categorial de Tempo e Aspecto, como também zonas em que os valores temporais se aproximem dos conteúdos modais, sem que isto suponha uma identidade categorial de Tempo e Modo. Aliás, as relações opositivas dentro das categorias temporais podem produzir efeitos modais complementares além da oposição modal básica entre Indicativo e Conjuntivo, tendo em conta também que os futuros sintéticos e analíticos nas línguas indoeuropeias, incluído o Português, têm a sua origem nas perífrases modais de intenção (Kítova-Vasíleva, 1979; 1996).

Todos os gramemas indicativos, alvo da comunicação, identificam-se pelo traço modal básico [não subjectividade (–)]. Deveríamos considerar também que os membros extensivos têm menor carga semântica e por isso são capazes de veicular maior número de significados categoriais: o seu significado primário mais o significado do seu oposto na relação opositiva. Os gramemas indicativos de posterioridade, que supostamente constituem o núcleo morfológico do Modo Condicional, partilham essa característica modal básica, situando-a numa série de traços relacionados com as categorias temporais, daí a importância da abordagem teórica e metodológica dos conteúdos temporais.

II. Temporalidade e Tempo. Categorias temporais

Entendemos a *temporalidade* como o conjunto estruturado de recursos linguísticos e extralinguísticos que realizam o conteúdo universal da relação entre a acção enunciada e o momento da enunciação. Entre eles cabem os advérbios de diferente orientação temporal (*antes/ agora/ depois; ontem/ hoje/ amanhã*), os complementos circunstanciais de tempo (*naquele momento / neste momento / mais tarde*) ou as frases subordinadas de valor temporal (Oliveira, 2003: 129). O núcleo semântico e formal da temporalidade será a categoria Tempo. Ora bem, a identificação das relações temporais do verbo português costuma ser influenciado pelo sistema lógico de Reichenbach (Mateus, 1989: 76–83; Barbosa, 1994: 236; Campos, 1997: 104–110; Oliveira, 2003: 130–131). No entanto este procedimento metodológico apresenta certas deficiências, quando aplicado a sistemas tão desenvolvidos como o dos tempos verbais em Português. Um sistema de tantos membros não é capaz de corresponder a um único conteúdo semântico (Jespersen, 1958: 297–301; Kucarov, 1993: 49–65). É por isso que optamos pela interpretação dos valores temporais enquanto categoria complexa distribuída em três tipos de oposições categoriais: Perspectiva, Plano e Tempo (Lamíquiz Ibáñez, 1969: 262–263; Coseriu, 1976: 129–130; Vúcheva, 1995: 14; Kânchev, 2004: 86–87, 188–189).

II.1.

A categoria do **Tempo**, propriamente dita, supõe uma relação de *simultaneidade* e *não simultaneidade* entre a acção enunciada e o momento da enunciação (ou o momento orientativo no passado). Assim, a *não simultaneidade* é referida por dois gramemas que realizam os valores categoriais de *anterioridade* (Pretérito Perfeito Simples) e de *posterioridade* (Futuro Simples) e são portadores da carga semântica. O mesmo tipo de relação dá-se entre as formas inactuais: Mais-Que-Perfeito Simples / Imperfeito / Futuro do Passado.

II.2.

A categoria do **Plano** refere uma relação directa ou indirecta da acção enunciada com o momento da enunciação, formando assim a oposição entre formas *relativas* (inactuais) e formas *não relativas* (não inactuais). A carga semântica desta categoria radica nos gramemas relativos, ou seja, os que orientam a acção verbal à volta de um momento orientativo no passado sem relação directa com o momento em que esta é enunciada. Na tradição linguística ditos gramemas são referidos como “tempos da história” ou “tempos da narração” (Weinrich, 1974; Chomsky, 1980; Searle, 1981; Bühler, 1985; Barthes, 1989, etc.), onde se inserem o Imperfeito, o Mais-Que-Perfeito Simples e o Futuro do Passado.

II.3.

A categoria da **Perspectiva** abrange as oposições entre as formas sintéticas e as formas analíticas do paradigma verbal, realizando a relação entre uma acção verbal e outra acção verbal ou o resultado de outra acção verbal:

Figura №1

<i>Plano</i>	<i>Tempo</i>	<i>Perspectiva Secundária</i> [retrospectiva] (+)	<i>Perspectiva Primária</i> [não retrospectiva; não prospectiva] (-)	<i>Perspectiva Secundária</i> [prospectiva] (+)
[não inactualidade] (-)	[anterioridade] (+)	*(tive cantado)	Pretérito Perfeito Simples (<i>cantei</i>)	(tive de cantar)
	[não anterioridade] [não posterioridade] (-)	(tenho cantado)	Presente (<i>canto</i>)	(tenho de cantar)
	[posterioridade] (+)	(terei cantado)	Futuro Simples (<i>cantarei</i>)	(terei de cantar)
[inactualidade] (+)	[anterioridade] (+)	*(tivera cantado)	Mais-Que-Perfeito Simples (<i>cantara</i>)	(tivera de cantar)
	[não anterioridade] [não posterioridade] (-)	(tinha cantado)	Imperfeito (<i>cantava</i>)	(tinha de cantar)
	[posterioridade] (+)	(teria cantado)	Futuro do Passado (<i>cantaria</i>)	(teria de cantar)

É precisamente nas formas da Perspectiva Secundária onde se estabelecem os pontos de contacto entre os valores aspectuais e os temporais (na retrospectividade – valores de resultatividade), por um lado, e entre os valores modais e os temporais (na prospectividade – valores deônticos e epistémicos), por outro lado.

“La catégorie de temps peut prévaloir dans une langue donnée sur la catégorie d’aspect, ou vice-versa, et dans ce sens les acceptions aspectuelles ou temporelles peuvent être, respectivement, des effets secondaires de l’autre catégorie.” (Coseriu, 1978a: 15)

III. Relações hierárquicas entre os conteúdos modais e os conteúdos temporais

Mattoso Camara (1999: 99), entre outros, afirma que „a noção gramatical de tempo (...) aparece no seu desdobramento plano no modo indicativo.“ Por que será? Para procurar uma resposta será preciso de retornar à noção de Modo.

III.1.

A funcionalidade e a sistematicidade da relação semântica modal está baseada na oposição entre uma *valorização não subjectiva* e uma *valorização subjectiva* dos estados de coisas enunciados, cujos instrumentos formais em Português são os gramemas de Indicativo e de Conjuntivo. Qualquer proposição em Português está inevitavelmente construída com formas indicativas ou conjuntivas do predicado. É com base nestes dois conteúdos modais que se estruturam os conteúdos temporais em subsistema temporal indicativo e subsistema temporal conjuntivo.

Oposição modal básica:

INDICATIVO / CONJUNTIVO

[NÃO SUBJECTIVO(-)]
(Modo do objectivamente real)

[SUBJECTIVO(+)]
(Modo do subjectivamente real)

A oposição modal básica exprime uma valorização lógica (de 1º grau) objectiva da relação proposicional (relação entre predicação e realidade extralinguística), enuncia uma asserção afirmativa ou negativa a propósito de um acto concebido como *objectivamente real* (Kítova-Vasíleva, 2000: 38).

O carácter extensivo do Indicativo supõe uma menor carga semântica modal e maior capacidade para desenvolver a semântica temporal, daí o maior número de formas temporais no Indicativo em comparação com o Conjuntivo. Greenberg (1971: 306–310) estipula que a hierarquia na organização interna das categorias gramaticais é uma das características universais de qualquer língua. Quando uma categoria se constrói com base no membro marcado de outra, os seus elementos constitutivos não excedem ou até têm um número mais reduzido do que o número dos elementos na categoria básica. Gerdžikov (2003: 191–192) explica o fenómeno com o princípio compensatório, dividindo as categorias em “dominadas” e “dominantes” (Gerdžikov, 2003: 193):

“O mecanismo compensatório desempenha um papel extremamente importante no sistema gramatical (coisa que, aliás, faz no sistema fonológico também). O número de formas temporais no membro modal intensivo costuma ver-se reduzido em comparação com o número de formas temporais no membro modal extensivo”. (Gerdžikov, 2003: 192)

Assim poder-se-ia explicar o “desdobramento plano” das formas temporais no Modo Indicativo. No entanto, os gramemas indicativos não são monossémicos e realizam diferentes processos de neutralização e, sobretudo, de transposição den-

tro das relações temporais. O sema modo-temporal invariante (unitário) desenvolve semas distributivos e realizações contextuais de expressividade extensiva e intensiva, por conseguinte, todo o semema categorial de um gramema engloba uma zona semântico-funcional relacionada com o seu valor unitário (Coseriu, 1980: 76; Vúcheva, 1995: 11–26).

III.2.

Os dois gramemas futúricos, que se considera constituírem o Modo Condicional, têm funções narrativas e apelativas dentro das realizações do seu significado indicativo invariante, mas quando no contexto se chega a produzir uma transposição, activam-se novos valores modais (Chérgova, 2007a).

III.2.1.

O Futuro Simples (valor invariante modal *não subjectivo*), enquanto forma verbal indicativa, desempenha função temporal de *posterioridade não inactual*:

1. *E ao esboçar estas linhas não ignoro que **virei a substituí-las** por outras, caso o livro seja impresso (...).* (AA-3)
2. (...) **acrescentará** quem pensa *conhecê-lo, quando se dê o caso de elas (as atenções) não lhe trazerem benefício (...).* (JS-40)
3. **Irás** amanhã ao consultório?

III.2.2.

O Futuro do Passado (valor invariante modal *não subjectivo*), enquanto forma verbal indicativa, desempenha função temporal de *posterioridade inactual*:

4. *Quando, na noite seguinte, o viesse a conhecer, **comprenderia** que, afinal, o que pairava nele era o ar indefinido.* (JCP-38)
5. *Era fácil de compreender aonde Marçal queria chegar com este discurso de solidariedade familiar, na sua ideia todos os problemas, quer os de agora quer os que surgissem no futuro **passariam a ter** remédio no dia em que os três se instalassem no Centro.* (JS-66)

III.2.3.

O Futuro Simples pode funcionar em transposição do seu valor invariante de Tempo, como sinónimo intensivo do Presente. Nesta função identifica-se com os traços *não posterior*, *não inactual*, e o resultado é um valor complementar modal *epistémico* do Futuro Simples na zona da *não posterioridade não inactual*:

6. “O herói **morrerá?**” – **afligir-se-iam** os leitores, embora fosse pouco provável, (...) os heróis quando morrem só morrem no fim. (AA-47)
7. **Será** que dá tempo de ver o concurso da Garota do Andaraí? (Celebridade, cap. 38, cena 32)
[= **Dará** tempo de ver o concurso?]

III.2.4.

O Futuro do Passado pode funcionar em transposição do valor invariante de Plano, como sinónimo intensivo do Presente e do Futuro. Nesta função identifica-se com os traços *não anterior*, *não inactual* e produz como resultado um valor complementar modal *epistémico* do Futuro do Passado na zona da *não anterioridade não inactual*:

8. *Explicando-me com mais clareza: ignorasse eu que outros homens desejam comer ou fazer amor e **sentiria** idênticos desejos.* (AA-2)

9. *E se em vez de escrever falasse agora com todas as pessoas aqui presentes (estou num café), como **se enriqueceria** a minha vida! Mas não* (AA-22)

III.2.5.

Valores epistémicos podem ser realizados pelas perífrases modais de obrigação também, com o verbo auxiliar no Presente do Indicativo:

10. *Certa vez, **devem ter sido** duas semanas antes do casamento, telefonou-me às duas da madrugada.* (AA-40)

III.3.

As oposições modais complementares, ou de “verosimilitude relativa” (Kítova-Vasíleva, 2000: 33–36) representam uma categoria discursiva, facultativa, realizada pela polissemia dos gramemas dos modos básicos que funciona na periferia do campo semântico-funcional da modalidade linguística.

Situação A: pergunta não modal:

- Onde está o Pedro?
 - a. resposta categórica:
 - Está na sala de leitura. (estava; esteve; estará dentro de uma hora);
 - b. resposta conjectural excluente:
 - Deve estar na sala de leitura. (= Tem de estar; Provavelmente está...);
 - c. resposta dicotómica e pluriopcional (incluente):
 - Estará na sala de leitura ou já terá ido para casa, sei lá. (= É possível que esteja na sala de leitura, mas também é possível que tenha ido para casa, não sei.) [possível];
 - Estaria na sala de leitura, se tivesse juízo...! (não está na sala de leitura) [impossível].

Situação B: pergunta “modal”:

- Onde estará o Pedro? Não estará na sala de leitura?
 - a. resposta dicotómica e pluriopcional:
 - Estará na sala de leitura ou já terá ido para casa, sei lá. (= É possível que esteja na sala de leitura, mas também é possível que tenha ido para casa, não sei.) [possível];

- Estaria na sala de leitura, se tivesse juízo...! (não está na sala de leitura) [impossível]. (de acordo com Kítova-Vasíleva (2000: 42))

Assim, pode identificar-se uma relação escalar de valores de *probabilidade*, incluindo oposição gradual com base nos traços \pm *hipotético*, isto é, [\pm *não concreto*, \pm *não categórico*, \pm *não objectivo*], realizados pelas perífrases modais de obrigação ou pelas formas indicativas modalizadas por advérbios de conjectura. (Situação A, resposta b).

Também pode observar-se uma oposição dicotómica, relacionada com os valores de *possibilidade*, com base nos traços \pm *problemático* [\pm *não seguro*, \pm *não factual*, \pm *não comprometido*] (Situação A, resposta c; Situação B).

A modalidade complementar e facultativa exprime uma valorização lógica (de 2º grau) subjectiva da significação proposicional (actualização do sentido da proposição, do grau de compromisso do falante com a factividade no enunciado), incluindo juízos de certeza relativa, medida numa escala de *probabilidade* e *possibilidade*.

Figura №2

Indicativo		Conjuntivo
Não Subjectividade (-)		Subjectividade (+)
Certeza absoluta	Verosimilitude relativa (certeza relativa) \diamond	
Formas temporais indicativas (semas unitários)	PROBABILIDADE „Estatus epistémico excluinte“	POSSIBILIDADE „Estatus epistémico incluinte“
	+provável ~ \pm provável ~ - provável	possível / impossível
	Dever+infinitivo Ter de + infinitivo etc. (simultaneidade não inactual)	Futuro / Futuro do Passado em transposição temporal (simultaneidade não inactual)

Como é bem visível (Situação A, resposta c; Situação B, resposta a), o uso do Futuro do Passado supõe uma negação implícita da acção enunciada que marcámos como *impossibilidade* de realização da acção enunciada. Veiga (1991: 143) prefere usar o termo *irreal* para designar o traço de valorização subjectiva que contém uma negação implícita tanto para as formas indicativas, como para as conjuntivas. Os valores epistémicos dos gramemas temporais indicativos realizam-se em contexto temporal de *Simultaneidade* [não posterioridade; não anterioridade] do Plano Não Inactual.

IV. Conclusões

Consideramos que as funções epistémicas dos gramemas futuros indicativos, fossem identificadas com os traços [possível / impossível] ou com os traços [não irreal / irreal], representam uma realização facultativa e complementar às suas funções modais básicas e temporais sistemáticas. Por conseguinte não apoiá-amos a tese da existência de um Modo Condicional em Português com o estatuto equiparável ao do Indicativo e do Conjuntivo.

Figura Nº3

Outras funções discursivas	Funções apelativas, volitivas, admirativas, etc.	
Oposição modal complementar	Valores epistémicos de probabilidade e de possibilidade	Valores epistémicos de possibilidade
	Subsistema temporal da não subjectividade (-)	Subsistema temporal da subjectividade (+) ³
Tempo	Anterioridade (+)/ Simultaneidade(-)/ Posterioridade(+)	Anterioridade(+)/Não anterioridade(-)
Plano	Não Inactual(-) / Inactual(+)	Não Inactual(-) / Inactual(+)
Perspectiva	Primária(-)/ Secundária(+)	Primária(-)/ Secundária(+)
Oposição modal básica	Indicativo	Conjuntivo

Bibliografia

- BARBOSA, Jorge Morais, *Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*, Coimbra, Almedina 1994.
- BARTHES, Roland, *O Grau Zero da Escrita*, Lisboa, Edições 70 1989.
- BECHARA, Evanildo, *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Lucerna 1999.
- BÜHLER, Karl, *Teoría del lenguaje*, Madrid, Alianza Editorial 1985.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa, *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*, Porto, Porto Editora 1997.
- CAMPOS, Maria Henriqueta Costa, *Dever e Poder – Um Subsistema Modal do Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian 1998.
- CASTELEIRO, João Malaca, *Sintaxe Transformacional do Adjectivo – regência das construções completivas*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica 1981.
- CHÉRGOVA, Vésela, *O Imperfeito do Conjuntivo no Português Contemporâneo*, tese de doutoramento, Sófia, Universitétsko izdatelstvo „Sv. Klíment Óhridski“ 2007(no prelo).
- CHÉRGOVA, Vésela, „Os Futuros do Indicativo: Valores Modais Complementares“, *Actas do Colóquio Internacional Dedicado ao Décimo Quinto Aniversário da Filologia Portuguesa na Universidade de Sófia “Sv. Klíment Óhridski”*, Sófia, Universitétsko izdatelstvo „Sv. Klíment Óhridski“ 2007a (no prelo).
- CHOMSKY, Noam, *Estruturas Sintácticas*, Lisboa, Edições 70 1980.
- COSERIU, Eugenio, *Das romanische Verbalsystem*, Tübingen, TBL Verlag Gunter Narr 1976.
- COSERIU, Eugenio, *Gramática, semántica, universales*, Madrid, Editorial Gredos 1978.

³ A estrutura das relações temporais no subsistema do Conjuntivo não é o objectivo da comunicação, no entanto, para os propósitos de uma apresentação mais exhaustiva, aproveitámos os dados e as conclusões da tese de doutoramento de Chérgova (2007).

- COSERIU, Eugenio, „Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et de méthode“, *La Notion d'Aspect*, Actes publiés par Jean David et Robert Martin, Colloque organisé par le Centre d'Analyse syntaxique de l'Université de Metz (18–20 mai), Paris, Klincksieck 1978a, pp. 13–23.
- COSERIU, Eugenio, *Lições de Lingüística Geral*, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico 1980.
- COSERIU, Eugenio, *O Homem e a sua Linguagem: estudos de teoria e metodologia lingüística*, Rio de Janeiro, Presença 1987.
- CUESTA, Pilar V. & M.A. Mendes da Luz, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Edições 70 1971.
- GEORGÍEVA, Mariána, *Skríta predikácija v bálgarskija sintáxis* (Predicação Oculta na Sintaxe Búlgara), Velíko Tárnovo, Znak'94 1998.
- GERDŽÍKOV, Geórgi, *Preizkázvaneto na glagólnoto déjstvie v bálgarskija ezik* (A Renarração da Acção Verbal na Língua Búlgara), Sófia, Universitétsko izdátelstvo „Sv. Klímént Óhridski“ 2003.
- GREENBERG, Joseph H., „Language Universals: A Reaserch Frontier“, *Language, Culture and Communication. Essay by Joseph H. Greenberg*, California, Stanford University Press 1971, pp. 295–313.
- JESPERSEN, Otto, *Filosófija gramátiki* (The philosophy of grammar), Moscovo, Inostránnoj literatúry 1958.
- KÂNCHEV, Ivan, *Español actual: clases de palabras y categorías (gramática descriptiva y lingüística contrastiva o sincrónica comparada)*, Sófia, Universitétsko izdátelstvo „Sv. Klímént Óhridski“ 2004.
- KÍTOVA-VASÍLEVA, María, *Evolución de la categoría gramatical Futurum en español*, Bogotá, Universidad Central 1979.
- KÍTOVA-VASÍLEVA, María, *La categoría de “posterioridad” y su formalización en búlgaro y en español*, València, Universitat de València-Servei de Publicacions, Centro de Estudios sobre Comunicación Interlingüística e Intercultural, vol.4, 1996.
- KÍTOVA-VASÍLEVA, María: *La “verosimilitud relativa” y su expresión en español*. Santiago de Compostela, Servicio de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela 2000.
- KUCAROV, Ivan, *Problémi na bálgarskata morfologija* (Problemas da Morfologia Búlgara), Plovdiv, Plóvdvsko universitétsko izdátelstvo 1993.
- LÁKOVA, Méri, „Sistéma na modálnostite, izrazjavani v bálgarskoto prósto izrečenie“ (Sistema das Modalidades Expressas pela Oração Simples no Búlgaro), *Sávremenni lingvistični teorii. Pomagálo no sintáxis*. (Teorias Linguísticas Modernas. Compêndio de Sintaxe), Plovdiv, Plóvdvsko universitétsko izdátelstvo 2001, pp. 94–115.
- LAMÍQUIZ IBÁÑEZ, Vidal, „El Sistema verbal del español actual. Intento de estructuración“, *Homenaje a Menéndez Pidal*, t. I, *Revista de la Universidad de Madrid*, vol. XVIII, núm. 69, pp. 241–265.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho 1989.
- MATTOSO CAMARA Jr., Joaquim, *Estrutura da Língua Portuguesa*, Petrópolis, Vozes 1999.
- MEL'CHUK, Igor, *Kúrs óbšej morfologíej*, vol. II, Moscovo-Viena, Jazykí rússkoj kul'túry 1998, (Курс общей морфологии. Том II. Москва-Вена: Языки русской культуры, 1998).
- NEVES, Maria Helena de Moura, *Gramática de Usos do Português*, São Paulo, Editora UNISEP 2000.
- OLIVEIRA, Fátima, „Tempo e Aspecto“, DELGADO-MARTINS Maria Raquel (dir.) *et alii*, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho 2003, pp. 129–178.
- OLIVEIRA, Fátima, „Modalidade e Modo“, DELGADO-MARTINS Maria Raquel (dir.) *et alii*, *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho, 2003a, pp. 243–272.
- POTTIER, Bernard, *Introducción al estudio de la morfosintaxis española*, La Habana, Instituto Cubano del Libro 1975.

- POTTIER, Bernard, *Semántica general*, Madrid, Gredos 1993 (*Sémantique Générale*, Paris, Presses Universitaires de France, 1992).
- SEARLE, John R., *Os Actos de Fala – Um Ensaio de Filosofia da Linguagem*, Coimbra, Almedina 1981.
- TLÁSKAL, Jaromír, „Observações sobre Tempos e Modos em Português“, HERCULANO DE CRAVALHO José G.; SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (org.), *Estudos de Linguística Portuguesa*, Coimbra 1984, pp. 237–255.
- VEIGA, Alexandre, *Condicionales, concesivas y modo verbal en español*. Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela, *Verba*, anexo 34, 1991.
- VILELA, Mário, *Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da Palavra, Gramática da Frase, Gramática do Texto / Discurso*, Coimbra, Almedina, 1999.
- VILELA, Mário & KOCH, Ingedore Villaça, *Gramática da Língua Portuguesa: Gramática da Palavra, Gramática da Frase, Gramática do Texto / Discurso*, Coimbra, Almedina 2001.
- VÚCHEVA, Evguénia, *Gramátika i stilístika na ispánskija glagól* (Gramática e estilística do Verbo Espanhol), Sófia, Askóni-Izdát 1995.
- VÚCHEVA, Evguénia, „Sobre las categorías lingüísticas o las categorías del hablar“, *Sâpostavitel-no ezikoznânie (Linguística Comparada)*, XXV, № 1, Sófia, 2000, pp. 45–55.
- WEINRICH, Harald, *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*, Madrid, Gredos 1974.

Fontes de material empírico

- [AA]: ABELAIRA, Augusto, *O Triunfo da Morte*, Lisboa, Sá da Costa Editora 1981.
- [JCP]: PIRES, José Cardoso, *O Delfim*, Lisboa, Publicações Dom Quixote 1998.
- [JS]: SARAMAGO, José, *A Caverna*, Lisboa, Caminho 2000.
- Celebridade*, capítulo 38 (telenovela brasileira da Globo)

Abstract and keywords

The Portuguese modal system use to be identified as composed by four categories – Indicative, Subjunctive, Imperative and Conditional Mood. From this point of view may arise a lot of questions about the internal structure of such a modal system, the distribution of the semantic values, the specific instruments of the Imperative and Conditional Mood, etc. The paper attempts to explain the theoretical approach, analyzing the modal and the temporal categories according to the methods of the European functional linguistics. We try to establish the basic modal features, relying on the functional contrast between Indicative and Subjunctive morphemes. The indicative morphemes, as the extensive grammar elements, are more semantically relieved and, because of that, some of their forms, both Future tenses, could develop, throughout a temporal transposition processes, some additional modal values within the field of the epistemic modality. That way, having in mind both modal and temporal values, we try to represent a possible model of the Indicative Mood internal structure.

Portuguese Linguistics, Portuguese Verbal System, Modality, Tense, Portuguese Indicative morphemes, Portuguese Subjunctive morphemes, Portuguese Future Tenses

